

# IMAGINANDO A FUTURA MISSÃO

SE DEUS NÃO É CATÓLICO, COMO AFIRMA PAPA FRANCISCO, MAS ATENDE A TODAS AS RELIGIÕES, TODAS AS RELIGIÕES SÃO CHAMADAS A ASSUMIR O PROJETO DE DEUS, QUER DIZER A REALIZAR O REINO DE DEUS NESTA TERRA.

Será mesmo verdade que **a missão do passado** está chegando ao último quilômetro? A gente desconfia de afirmações autoritárias e irreformáveis, mas, mesmo assim, tratando-se de uma pergunta lançada ao ar, as respostas que a ela se dão podem abrir portas até agora desconhecidas sim, mas carregadas de sonhos e promessas. Faz uns cinquenta anos (1963) e prevendo de ser enviado para um país de religião não cristã, visto que eu pertencia a uma congregação religiosa missionária, fiz questão de me meter mentalmente na problemática das religiões não cristãs ao fim de apreender, a respeito delas, as informações mais úteis para a missão que teria sido chamado a desenvolver. Comprei então alguns livros sobre história e atualidade das religiões não cristãs e um *Dicionário das Religiões* que levava como autor o filósofo e teólogo alemão Alfred Bertholet. Chegando em casa, meia hora depois, abri ao acaso o dicionário adquirido e meus olhos caíram logo por cima do verbete *superstição*. Li a definição daquele termo e me deu a vontade de jogar logo o dicionário pela janela. Aquele verbete me pareceu tão arriscado e ofensivo que logo pensei: “é sempre a mesma sopa, se dizem homens de ciência, mas estes especialistas da religião são os piores negadores da sua consistência e da validade das suas mensagens”. De fato o verbete dizia: “A *superstição* é a religião dos outros” e prosseguia explicando que o termo *superstição* tinha sido inventado por Marco Tulio Cícero e o grande orador e filósofo do primeiro século antes de Cristo o usava para distinguir a religião romana, correta e plausível, das religiões confusas e contraditórias dos povos não ainda romanizados. Mas hoje, a cinquenta anos de distância do áspero encontro com Bertholet e após estudos e reflexões feitas acerca das religiões afro-brasileiras e da religião em geral, se encontrasse o

autor alemão o saudaria com entusiasmo e o agradeceria. Hoje estou de acordo com um pensamento que está ficando comum e universal: todas as religiões tem a ver com Deus e todas merecem o máximo respeito. Psicólogos e estudiosos das culturas e das religiões nos asseguram até que, espalhados por todo o planeta terra, existem vários povos que pensaram e pensam de serem o povo eleito de Deus e, por consequência, aqueles que estão praticando a única verdadeira religião ensinada pelo próprio Deus o por um seu representante. Nem mais nem menos de quanto nós cristãos católicos temos pensado durante os últimos 20 séculos. Mas, graças a Deus, desde 50 anos o Concílio Ecuménico Vaticano II nos propõe uma visão nova das religiões do mundo, afirmando que todas as religiões podem possuir a verdade e a graça salvadora que vem de Deus e que é sacrossanta a liberdade de praticar a religião que se quer ou se prefere. Se vejam a tal propósito dois documentos do supradito Concílio: *Nostra aetate*, sobre a função salvadora das religiões não cristãs e *Dignitatis humanae*, sobre a liberdade de professar a religião que se escolheu. Passaram 20 séculos para podermos admitir e assumir esta visão positiva das religiões, mas, notemos bem, esta visão positiva tem muito a ver com uma possível reviravolta do nosso projeto missionário. De fato, se as religiões podem salvar, a missão tradicional de converter e batizar os não-cristãos deve ser posta em questão. Se trata de um problema tão devastador quanto inquietante, se queremos ser sinceros e honestos. Quantos anos ou séculos deverão passar para que os missionários se apropriem duma proposta conciliar que pode parecer desorientadora?

**01. O PROBLEMA DE CRISTO ÚNICO SALVADOR.** Se é verdade que todas as religiões carregam a graça de Deus e podem salvar, a perder seu valor não seria tanto o cristianismo mas o próprio Cristo que, segundo a fé cristã, é o único capacitado e encarregado a salvar todo ser humano. O próprio papa João Paulo II parece não ter gostado do perigo de Cristo perder sua primazia pois, com tal primazia perdida, perderia também a sua divindade e ficaria um entre os tantos e variados salvadores das religiões. Mais ainda: se não é Cristo a salvar todo mundo junto a Deus, que certeza temos a respeito da salvação prometida pelas outras religiões? Quase abatido por estas angustiantes perguntas, João Paulo II, em data 7 de dezembro de 1990, dedicou ao problema uma carta encíclica chamada *A Missão do Redentor*, afirmando a linha cristã de sempre,

ou seja a doutrina que só o Cristo salva e, por consequência, que era necessário que os missionários retomassem e reforçassem a fórmula missionária do passado: pregar o Cristo Filho de Deus Salvador e batizar em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Proposta esta que o Papa se sentiu obrigado a retomar com toda a força, visto que, a causa de uma doutrina conciliar provavelmente não bem entendida, segundo ele, o ideal missionário da cristianização do mundo estava perdendo vigor e fazendo água por todo lado.

**02. UMA RESPOSTA INDIRETA A JOÃO PAULO II.** Não tenho alguma intenção de corrigir o pensamento de um papa, mas não me escapa o desejo de encorajar todos aqueles cristãos que, em base às declarações do Concílio Ecuménico Vaticano II, a respeito das religiões e da competência delas em salvar seus adeptos, Nosso Senhor Jesus Cristo não tem nada a perder. Por que? Porque a salvar, por dentro de qualquer religião, é sempre o mesmo Jesus Cristo, Filho de Deus e irmão de toda a humanidade. O diabo é, porém, que João Paulo II não se contenta com esta posição praticamente implícita ou não evidente. Ele acha que, para que os adeptos das outras religiões se possam salvar, devem reconhecer o Cristo expressamente como Filho de Deus e o declarem seu redentor e salvador, como estamos fazendo nós cristãos desde 20 séculos, cancelando do mapa suas religiões. Numa palavra, João Paulo II quer que os adeptos das outras religiões renunciem expressamente às suas crenças e assumam sem mais nem menos a religião cristã (e católica). João Paulo II quer que os missionários continuem a praticar a missão que a Igreja criou e aperfeiçoou ao longo da sua história milenária, embora nos últimos cinquenta anos a missão tenha reduzido sua força de penetração no seio das outras religiões e os missionários estejam diminuindo ou fraquejando como nunca se tinha constatado até agora. Mas é aqui que se pode considerar iluminante uma resposta indireta a toda a questão. Qual resposta indireta? Não é pelo saber o catecismo e o direito canônico que nós nos salvamos, mas pelo amor que temos para com Deus e para com os irmãos. O paraíso deve estar cheio de pessoas que não conheceram o Cristo e que nunca o puderam aclamar como exigiria João Paulo II. A nos informar sobre esta certeza ou hipótese muito provável é o livro do Apocalipse. Durante uma das suas extraordinárias visões, o autor do livro sagrado (o apóstolo João?) nos conta de ter admirado desfilar, frente ao trono de Deus, uma procissão imensa de salvados procedentes de cada tribo, língua,

povo e nação (cfr. Ap 7,9), deixando-nos pensar que se tratasse de pessoas de religião não cristã. No livro dos Atos, ao capítulo 10, Pedro, o chefe dos apóstolos, nos assegura que Deus não olha a religião que alguém pratica, mas a sua conduta honesta, ao seu coração sincero (Cfr.At 10, 34-35). Voltando contudo ao Apocalipse, o apóstolo João nos oferece uma outra informação preciosa que, se bem um tanto obscura, afirma que Cristo é Alfa e Ómega, Princípio e Fim de todas as coisas (Ap 1,8), de maneira que nos permitiria colocar uma outra pergunta: “Se encontro Cristo no fim em vez que no começo, que mal teria?” Da minha parte tenho a certeza que no céu encontraremos milhões ou bilhões de pessoas que não conheceram o Cristo antes de passar para a outra vida.

**04. CUIDADO COM AS RELIGIÕES NÃO CRISTÃS.** Se os colonos portugueses tivessem suspeitado que as religiões indígenas gozavam dos valores que nós lhes reconhecemos somente hoje, em base as declarações do Concílio Ecumênico Vaticano II, com muita probabilidade não teriam tratado os povos indígenas da maneira que sabemos, isto é com canhões e massacres que se repetiram até os anos trinta do século XX, para não falar de outras chacinas praticadas (e silenciadas) por empresas que abriam as rodovias transamazônica e perimetral, já no final do século XX. Longe de nós, então e uma vez por todas, o que aconteceu de terrível com os povos indígenas durante e após a colonização do país. De fato, o que sabemos a respeito da fraternidade e comunhão dos bens, que os povos indígenas praticam, nos fala mais de uma missão a receber do que de uma missão a cumprir, nos fala mais em aprender do que em ensinar. Já no século IV Basílio de Cesaréia da Capadócia (atual Turquia), bispo e fundador de mosteiros, recomendava de salvar os escritos dos autores clássicos gregos e latinos como Platão, Cícero, Sêneca e muitos outros, pois suas obras carregavam valores imperdíveis para a humanidade e para os cristãos todos. Basílio insistia nisso ao ponto de dizer que dos gregos e romanos se podia assumir tudo exceto os vícios. Nem se fale, pois, da osmose que houve entre culturas clássicas e cristianismo já nos primeiros quatro séculos da história cristã. Baste lembrar as basílicas romanas que, sendo obras públicas, ou seja mercados, se tornaram edifícios sagrados no momento em que, pela simpatia de Constantino para com o cristianismo, todo mundo corria a se batizar e a massa cristã não cabia mais nos lugares da tradição: casas e igrejas com tamanho de salas. Baste lembrar as

reliquias dos mártires que, sobretudo nos interiores, começaram a ocupar o lugar das estátuas dos deuses nos templos que, de pagãos que eram, se tornavam casas de Deus abençoadas. Enfim, quem era que na religião romana se chamava “sumo pontífice”? Nada mais nada menos que o César, o imperador, ou seja Augusto, Calígula, Nero, Adriano, Marco Aurélio, Decio, Septímio Severo e todos os outros até Rômulo Augústolo, o ultimo (459-476 d.C.). E bem, tal suma competência dos imperadores romanos passou para quem? Nada mais nada menos que para o chefe da Igreja Católica, o pontífice romano, deixando no ar perguntas incomodantes. Perguntas que Francisco, o Papa vivente, preferiu pelo menos intimidar ou colocar em dúvida. Transferindo o problema para os nossos dias, a gente não pode escapar de perguntas por outro tanto sérias e intrigantes. Por exemplo, não teria vindo a hora de reconhecer que as escrituras sagradas das religiões, sobretudo das grandes religiões universais da Ásia, são comparáveis ou assimiláveis à nossa Bíblia? Sobre este ponto me limito a citar o tamanho das escrituras budistas. Segundo Bertrand Russel, que traz a notícia na sua História da Filosofia Ocidental, vl. 1º, o cânon budista de Baly, uma ilha sagrada do budismo posta ao norte de Java, goza de um tamanho que contém por oitocentas vezes o tamanho da Bíblia. Isso quer dizer que, se a Bíblia cristã consta de 73 livros, a Bíblia budista poderia constar de 58 mil e 400 livros. É verdade que o tamanho não é documento mas, no caso citado, o tamanho tem algum sentido, pelo menos o sentido de criar espanto (precioso) para qualquer um de nós. Acrescentando algo sobre o meu caso pessoal, confesso de ter lido e conhecido bastante bem Platão, Aristóteles, Demócrito, Epicuro, Senofonte, Cícero, Horácio, Júlio Cesar e Virgílio. Consegui conhecer até o Bagavadgítá, a Bíblia hindu, mas o que mesmo não consegui conhecer, pelos estudos seminarísticos, foi o Antigo e Novo Testamento. Para conhecer a Bíblia cristã, em forma mais ampla e mais intensa, tive que esperar de ser mandado ao Brasil, em 1966.

**05. A BÍBLIA ACATA AS RELIGIÕES?** Logo à primeira vista poderíamos responder: Não, a Bíblia não acata as religiões. Pelo contrário, a Bíblia critica e condena as religiões dos povos antigos. Ao máximo, a Bíblia nos informa que as religiões são destinadas a perecer e a se deixar substituir pelo cristianismo. “Haverá um só rebanho e um só pastor” diz Jesus no Evangelho, mas é provável que este mesmo ditado deva ser interpretado em maneira diferente, pois

o único rebanho poderia contar ovelhas de raças e extração diferentes, o que, em termos mais apropriados, nos insinuaria que o rebanho de Jesus será formado por fieis de religiões diferentes e variadas. Se depender de mim, afirmaria logo que a Bíblia prevê uma meta única para a família humana, sim, mas que esta meta será alcançada por muitos povos e religiões, ao mesmo tempo e enquanto as religiões dialogam entre si e tentam de caminhar lado a lado. Mais para frente iremos ver que a meta da humanidade não será esta ou aquela religião, mas o Reino de Deus nesta terra e na vida eterna. Quando Jesus mandou os discípulos a pregar o Evangelho a todas criaturas (Cfr. Mt 28, 19-20) e Mc 16, 15-20), disse de propagar a boa notícia do Reino, pois o Evangelho é a boa notícia do Reino, é o programa político de Deus a respeito da humanidade e não propriamente uma religião. Algo de parecido me parece de poder entrever no fato e significado da Pentecostes narrado nos Atos dos Apóstolos. No capítulo 2 de dito livro inspirado se apreende que a pregação dos apóstolos naquele dia era entendida por cada ouvinte, na sua própria língua. Ora, sabendo que naquela época o termo língua significava também cultura e, com uma certa probabilidade, também religião, pois cultura e religião são estreitamente entrelaçadas, me vem logo uma proposta: por que não dizer que cada um dos ouvintes estava entendendo a pregação dos apóstolos dentro do quadro da sua religião? Aqueles ouvintes pertenciam à 17 países diversos e, então, a 17 culturas diversas e, então, a um bom número de religiões diferentes. Não seria a primeira vez que Deus abençoa e aprova, de qualquer forma, a consistência positiva das religiões não cristãs. Um dos maiores entendidos a respeito da mensagem positiva das religiões, o teólogo alemão Heinz Robert Schlette, no seu livro *As religiões como tema da teologia*, que eu comprei em língua italiana no mesmo dia em que comprei o citado *Dicionário das Religiões* de Alfred Bertholet, afirma que, para entender corretamente a simpatia de Deus para com as religiões não bíblicas, tem que remontar nada menos que a Noé (cfr. Gen 4,15 e ss.) e à aliança que Deus fez com ele e com toda a humanidade. Dita aliança deveria ser estendida naturalmente a todas as religiões da humanidade, pois as religiões são as expressões mais altas e significativas das culturas e da condição humana sobre a terra. Aquela aliança não viria, de fato, a restringir a aliança oferecida por Deus ao povo eleito mediante Abraão (Cfr. Gen 11)? Ao contrário, viria dar a Israel um privilégio

mais definido e mais valorizável, inclusive em benefício da primeira aliança entre Deus e Noé. De fato, as duas alianças são dois bens que, sendo de origem divina, deveriam se coadunar e integrar em vez que se eliminar reciprocamente.

**06. JESUS E AS RELIGIÕES.** Logo à primeira vista, no Novo Testamento as religiões são mais bem tratadas que no Antigo Testamento. Os magos que visitam Jesus em Belém professam religiões não definidas mas de coloridos ou conteúdos não bíblicos. Parece até que os magos sejam mais astrólogos ou macumbeiros em vez que pessoas corretamente religiosas. Andando em sentido contrário a esta constatação, no Evangelho de Mateus os magos são louvados e exaltados pela fé que tem no recém-nascido Filho de Deus e pela diligente e perigosa aventura enfrentada em querer procura-lo e adora-lo. Antes ainda da aparição dos magos, Mateus coloca duas mulheres pagãs na genealogia de Jesus –Raab, a prostituta, e Rute-enquanto Lucas é ainda mais generoso com os ascendentes gentios de Jesus. No Evangelho de Lucas (Lc 3, 23-38) eles são pelo menos uns quinze, se se tira da serie Adão e o próprio Deus. Romano Guardini, um teólogo alemão nascido de pais italianos, na introdução a sua muito conhecida *Vida de Cristo*, reflete sobre os ascendentes gentios de Jesus e observa que tais ascendentes se encontram no sangue de Jesus e contribuem a formar como que a sua personalidade. Sobretudo, os ascendentes gentios de Jesus estão a indicar que Jesus nasceu para todas as pessoas humanas e, então, pela ligação que elas têm com Deus por meio de numerosas e incontáveis religiões. O próprio Jesus manifesta de ter com os adeptos de religiões pagãs uma simpatia as vezes maior da que tem com os irmãos de religião israelita. Se pense aos samaritanos do Evangelho, em particular ao samaritano que era leproso e ao samaritano da parábola. Ambos são indicados, em maneira luminosa e um tanto emocionante, como exemplos a serem apreendidos pelos israelitas e por todos nós, para não falar do fato que a parábola do “bom samaritano” será o mais provável ponto de partida para que o templo e os sacerdotes israelitas decretem a morte vergonhosa de Jesus na cruz. Outro aceno emocionante, a respeito da fidelidade dos pagãos a Deus, se pode encontrar na parábola do grão de mostarda, isto é naquela pequena semente que se torna uma árvore grandiosa destinada a representar a bondade acolhedora do Reino de Deus. A respeito de quem? A respeito dos pássaros do céu, ou seja, dos

pagãos que irão precisar daquela árvore para aí fazer o ninho e criar seus filhotes. Mas no Novo Testamento há muito mais do que isso. No Evangelho de João, no segundo capítulo, se fala das bodas de Canã, mas quem é o maior festejado naquele banquete que acomuna uma inteira cidade? O maior festejado é o próprio Jesus, o esposo da humanidade que, mudando a água em vinho, quer fazer com que toda a humanidade se torne a família de Deus. Encontrei esta exegese na revista VIDA PASTORAL dos Paulinos, num dos números publicados no verão de 2013. Para completar o quadro um pouco improvisado do relacionamento entre Jesus e as religiões, gostaria falar resumidamente da fé dos pagãos e de uma grande intuição de Paulo registrada na carta aos Gálatas 3, 28. Aí Jesus não se pronuncia a respeito das religiões e, se não fala mal delas, não podemos dizer que esteja naturalmente de acordo com os vários conteúdos delas. Uma coisa certa e positiva, porém, a podemos afirmar sem restrições. Se Jesus gosta e louva a fé dos gentios, não seria a hora que também os missionários que estão a contato com as religiões tomem uma atitude parecida com a de Jesus, distinguindo entre a fé e a religião deles? Parece que Jesus nos diga: as religiões variam mas a fé é sempre a mesma e vai sempre a posar-se no coração de Deus. Porque, no nosso apostolado missionário, não estamos partindo da fé, daquela fé que obtém de Jesus até milagres a vista? Se lembre o servo-pupilo do centurião romano que fica curado por Jesus, à distância, em base a fé incrível do seu patrão militar romano (Cfr Mt 8, 5-13; Lc 7,2-10). Se lembre a fé que outro centurião romano manifesta declarando que o crucificado era verdadeiramente filho de Deus (Cfr Mt 27,54). Se lembre a fé da mulher cananeia (Cfr Mt 15,28) e do décimo e único leproso que, mesmo sendo samaritano (= pagão), voltou a agradecer quem o tinha curado, Jesus de Nazaré (Cfr. Lc 17,15-17).

**07. JESUS NOVO CHEFE DA HUMANIDADE.** Que Paulo fale de Jesus como novo Adão, isto é como novo primeiro ascendente da família de Deus na terra, é conceito bastante citado na pregação e na teologia cristã, mas é muito menos citado e comentado nos estudos de missiologia e na prática da missão. Não acredito de mentir se afirmo que, durante quase setenta anos de pertença a uma congregação missionária, nunca tenho ouvido falar daquela grandiosa e prepotente intuição de Paulo de Tarso. Vejamos o que o mesmo afirma na Carta aos Gálatas 3,28: *"Já não se distinguem judeu e*



*grego, escravo e livre, homem e mulher, pois com Cristo Jesus sois todos um só*". Pelo contexto resulta claríssimo que, neste caso, Paulo está falando de pessoas que, tendo sido batizadas, pertencem a Cristo e nele se tornam uma coisa só, a própria pessoa de Cristo. Então, a partir do batismo, pessoas que eram disparadamente diferentes e incombináveis, (pois uma era escrava e a outra livre, uma era judia e a outra grega, uma era mulher e a outra homem), agora se tornam iguais ao ponto de constituir uma pessoa única. Elas são de tal modo assimiladas a Cristo que podem confundir-se uma com a outra na mesma hora de se identificar com ele. Isso faz com que haja um duplo movimento: o de Cristo em direção aos batizados, pois é Ele que, com sua morte e ressurreição, mereceu de reencabeça-los, de reconstitui-los, e o dos batizados em relação a Cristo pois, pela bondade e amor dele, mereceram ser absorvidos e identificados com ele. Até aqui o caso dos batizados em relação a Cristo em duplo sentido. Mas, no caso de não batizados, haveria também alguma relação entre Jesus e eles? Sem dúvida nenhuma, pois basta procurar uma outra passagem de Paulo que diz respeito a todos os descendentes de Adão, seja batizados, seja não: *"Assim como todos morrem em Adão, assim também todos serão vivificados em Cristo"* (1Cor 15,22). Aqui se trata claramente de todos os filhos de Adão, sejam batizados ou não. Que relação tem o Cristo com eles? Com certeza Cristo adquiriu um direito em relação a todos os filhos de Adão, pois morreu na cruz por todos eles e os colocou em condição de receber o dom da ressurreição. Isso sem falar de uma outra relação possível, a que dependeria duma correta dependência de Deus em base à vivência que os interessados tem dentro da sua religião. Pois não dissemos que toda religião tem a ver com Deus ao ponto de impedir que Deus se declare católico? Pois não é esta uma doutrina implícita nos documentos citados do Concílio Ecumênico Vaticano II? Mas o diabo é que, na prática tradicional da missão, não se levam em conta a relação dos pagãos com a morte merecedora de Cristo e a relação dos pagãos com Deus derivante duma religião por nós considerada vã e só merecedora de ser jogada às urtigas. Não se leva em conta, do ponto de vista teológico, o que mais seria interessante e cheio de consequências até agora não imaginadas, embora se procure simpatizar com qualquer desconhecido de religião não cristã. Por minha parte, considero que esta ligação secreta dos não batizados com Cristo poderia ter incidências positivas e um tanto

revolucionárias sobre a ação missionária do futuro. É só pensar e discutir um pouco mais.

**08. IGREJA OU REINO DE DEUS?** Chegamos ao ponto mais crítico da questão missionária atual: a missão tem como meta última a fundação e o funcionamento da Igreja ou a realização do Reino de Deus nesta terra? A pergunta nasceu com palavras claras na América Latina, nestes últimos tempos, e em relação ao que de mais evangélico e mais cristãmente eficaz se encontra na ação pastoral e na prática cristã do nosso continente. Se pense na teologia da libertação e na escolha das massas empobrecidas, nas comunidades de base e no interesse por melhoras a programar e provocar nos países dominados pela fúria capitalista, nas campanhas brasileiras da fraternidade, nas lutas pela justiça e pelos direitos humanos e no conseguinte martírio cristão de bispos como Romero (Salvador) e Angelelli (Argentina), de padres, religiosas e líderes cristãos a dezenas e centenas se se levam em conta as áreas mais submetidas às injustiças, tais como o Brasil, a Argentina, o Chile, o Paraguai, a Colômbia, a Nicarágua, El Salvador ... Diria também que na América Latina a Igreja e o Reino de Deus não são metas que procedem em contraste ou em contradição entre eles. Lutando por uma sociedade mais justa e mais fraterna, a Igreja realiza o Reino de Deus. Falando e trabalhando pelo Reino de Deus em termos continentais e/ou mundiais, a Igreja se qualifica e se evidencia mais que em outros tempos da sua milenária história. Numa palavra: o empenho missionário pelo Reino iria se refletir num rejuvenescimento das categorias eclesiais e, sobretudo, na conscientização dos leigos que, profissionais ou não, se sentiriam finalmente chamados a se mexer tanto quanto bispos e padres, religiosos e religiosas. Quero observar que a meta do Reino de Deus é mais envolvente e exige um empenho muito mais extenso e variado do que a fundação da Igreja. Para ser ainda mais claro, diria que a fundação da Igreja empenhava somente uma classe muito restrita de cristãos, a que era encarregada do sacro, isto é monges, padres, religiosas e bispos, enquanto a meta do Reino de Deus empenharia a totalidade dos cristãos e cada qual com sua específica função e profissão. Sem contar com a influência que teria a América Latina sobre o resto do mundo se conseguisse provar que os cristãos, quando trabalham juntos, podem mudar a face da terra. Se, depois, o Reino de Deus se tornasse, de qualquer forma, a meta normal também das outras religiões cristãs e não cristãs, come

se diz no cabeçalho desta reflexão, o mundo todo se acharia envolvido numa transformação sem limites. Mas quem poderia nos ajudar a tomar a posição mais certa e mais de acordo com o projeto de Deus, ou seja, com o Reino de Deus?

**09. JESUS E A SUA MISSÃO.** Ninguém mais de Jesus seria competente em nos esclarecer qual é a missão que recebeu do Pai do Céu e se tal missão seja a mesma a qual nós fomos chamados no dia do nosso batismo. Por mais de cem vezes Jesus fala do Reino de Deus e de ter sido enviado à terra para a sua realização. Contemporaneamente fala só por duas vezes da Igreja e nos é muito difícil compreender porque, após a ascensão do mestre, tudo começou com a fundação da Igreja e esta fundação dominou, pelo menos em aparência, as atividades dos apóstolos e das primeiras comunidades cristãs, inclusive quando eles e elas se dedicam à conversão dos gentios ou pagãos. Este fato, porém, não pode ser considerado decisivo em vista de constatar o aparente e pouco explicável esquecimento do Reino de Deus. Na visão dos apóstolos e dos primeiros cristãos, Reino de Deus e Igreja se incluíam reciprocamente. A vida em comum dos primeiros cristãos, a fração do pão e a atenção aos pobres, contida e encomendada na mesma fração do pão, faziam da Igreja e do Reino uma coisa só e por nada rescindível. Contudo, se formos ler os sinóticos, Jesus tinha do Reino um conceito mais claro e mais independente do conceito de Igreja. Devemos antes de tudo partir da missão que Jesus considera sua e que ele descobre e lê, na sinagoga de Nazareth, no livro do profeta Isaías: *“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para que dê a boa notícia aos pobres; enviou-me a anunciar a liberdade aos cativos e a visão aos cegos, para por em liberdade os oprimidos, para proclamar o ano de graça do Senhor”* (Lc 4, 18-19). Eis aí a missão libertadora de Jesus, a missão que, dentro o contexto dos três sinóticos, concerne expressamente o Reino de Deus. Pelo menos em três maneiras a página de Isaías transmite o conceito de Reino: 1. Pelas obras que Jesus deve cumprir -libertar os cativos, devolver a vista aos cegos...- e que serão confirmadas por Mateus em ocasião do encontro de Jesus com os discípulos de João. Estes eram curiosos de saber se era mesmo Jesus que devia vir ao mundo como messias e Ele, fazendo a lista das atividades que lhe foram confiadas, responde que sim, sem dúvida: *“Os cegos veem, os surdos escutam, os coxos andam... e é anunciada aos pobres a boa nova”* (Cfr. Lc 7,19-

23), repetindo o que Ele em pessoa tinha já lido no livro de Isaías, em alta voz, na sinagoga de Nazareth. 2. Pelo uso dos termos *ano de graça* que são profecia e imagem do Reino de Deus, pois preveem igualdade e justiça e paz entre todos os membros do povo eleito. 3. Pelo sentido do termo *boa nova* que, nos sinóticos, é frequentemente associado ao Reino de Deus como no frequente ditado evangélico: os discípulos anunciavam *a boa nova do Reino*. Mas as duas palavrinhas **boa nova**, em língua grega, andam juntas e formam uma só estrepitosa palavra: **evangelho**.

**10. EVANGELHO E PROJETO DO REINO DE DEUS.** Chegamos a esta altura da questão, podemos afirmar com toda clareza: Evangelho e Reino de Deus são duas bonitas maneiras de dizer a mesma coisa e são uma identificação que, dita hoje, nos pode deixar atónitos e sem palavras. Por que? Porque o termo **evangelho** era usado nada mais nada menos que pelos imperadores romanos na hora de apresentarem seu projeto político, isto é na hora de dizerem quantos impostos teriam sido eliminados, quanto vinho teriam feito chegar de Creta e de Xantos e quantos navios de trigo teriam importado da Sicília e de Cartago para acalmar a fome dos desesperados das periferias romanas. No primeiro século da era cristã, o termo Evangelho foi usado por personagens tenebrosas como Tibério e Calígula, por perseguidores malvados como Nero e Domiciano e por homens que ficaram na história com nomes respeitados como Augusto e Tito. Então, se os programas políticos e controversos dos imperadores que temos lembrado se chamavam “evangelho”, quanto mais se chamará Evangelho o programa político de Deus confiado a Jesus, aos apóstolos e ao novo Israel (a Igreja). Chamo de político o programa de Deus porque não dizia respeito somente ao sacro e ao religioso, mas dizia respeito ao conjunto da realidade e da vida humana sobre a terra, dizia respeito à oração e à justiça, à saúde e à comunhão dos bens, à fraternidade e à abolição da guerra e da escravidão. Aliás, podemos confirmar tudo isso analisando apressadamente os envios em missão experimental comandados por Jesus. Seja quando despede os doze, seja quando despede os setenta e dois a fazer uma primeira experiência missionária, em primeiro lugar Jesus recomenda de curar os doentes e de expulsar os demônios, entendendo por demônios não somente os espíritos imundos, mas os males físicos e morais que, fome inclusa, naquela época perseguiam e maltratavam as pequenas e

grandes comunidades da Palestina e dos arredores. Numa palavra, Jesus manda cumprir os gestos que, em primeiro lugar, dizem respeito ao Reino de Deus: a saúde, a liberdade, o bem-estar e a tranquilidade. Um exegeta que também encontrei em 2013, sem me lembrar como e onde, mas com certeza, numa revista brasileira de pastoral, me ofereceu uma interpretação muito interessante dos envios missionários ordenados por Jesus em forma de experimento: mandando os doze Jesus está pensando no novo Israel (a Igreja), mandando os setenta e dois, Jesus está pensando no Reino de Deus, pois aquele número (72) era usado em Israel para indicar todos os povos da terra e, então, o Reino de Deus imaginado na sua máxima extensão. E que dizer dos envios definitivos que, feitos por Jesus após a ressurreição, foram registrados por Mateus e Marcos (Cfr. Mt 28,19-20 e Mc 16,15-20). Em ambos os casos Jesus diz *“Pregai o Evangelho a toda criatura”*, isto é *“pregai o Reino de Deus a toda criatura”*.

**11. CRISTIANISMO E RELIGIÕES DE MÃOS DADAS POR CAUSA DO REINO DE DEUS.** Notemos, antes de tudo que, em nenhum lugar do Evangelho, Jesus manda atacar as religiões. Antes pelo contrário, já temos visto como Jesus simpatiza com gentios e samaritanos e podemos ver agora como Deus está de acordo e abençoe as pessoas honestas de todo o mundo (Cfr. At 10, 34-35), qualquer seja a religião que estão praticando. O próprio Jesus fala do general da Síria (Naamã) que, mesmo sendo gentio, foi liberado da lepra pelo profeta Eliseu (cfr. Lc 4,27). Sem falar da viúva de Sarepta, na Sidônia, que, também gentia, foi socorrida pelo profeta Elias, na hora de ela desfalecer, após ter-lhe ressuscitado o filho já morto pela fome (Cfr. Lc 4,26). E que dizer do pleno sucesso obtido pelo profeta Jonas mandado por Deus na Mesopotâmia a pregar penitência e conversão aos corruptos moradores de Nínive? (cfr. Livro de Jonas). Estes exemplos e outros não citados não querem, porém, dizer que nas religiões não cristãs tudo é bom e tudo funciona corretamente. Embora com voz baixa, queremos somente dizer que qualquer religião pode ser grata ao Pai do Céu pelo bem que ensina a praticar e, então, pode ser utilizada por Ele mesmo para a realização do seu Reino na terra, como deixam entender os decretos do Concílio Ecumênico Vaticano II citados acima. E será que no cristianismo todo funciona bem e tudo serve para a realização do Reino de Deus? Sabemos e ninguém pode nega-lo que, do ponto de vista humano e do empenho das pessoas batizadas, o cristianismo também foi

perturbado e é perturbado, em si mesmo e em relação às outras religiões. Me dispenso de falar das guerras de religião estouradas no meio do cristianismo ou em briga com religiões não cristãs como o hebraísmo e o islamismo, mas quero afirmar com toda clareza que, encontrando-se e dialogando entre si, as religiões todas, cristãs e não cristãs, podem trabalhar juntas e, com todas as forças, para a realização do Reino de Deus na terra, agora e para sempre, até o fim da história. É uma tarefa absolutamente nova e até agora por nada prevista ou definida, mas é capaz de suscitar entusiasmo e de envolver, em vez que minúsculas brigadas de eleitos, classes e povos inteiros, a começar pelas comunidades de base e por outros numerosos grupos e movimentos da América Latina e caracterizados pelo ímpeto cristão. Se assim não for, somos obrigados a pedir a Deus que torne a ser católico e a fechar nossos corações e nossos caminhos, sem sermos autorizados por Papa Francisco.

Belém do Pará, 02.01.2014.

**Pe.**

**Savino Mombelli\***

- Nascido na Itália em 1928, pe. Savino Mombelli estudou no seminário menor da diocese de Brescia e entrou no noviciado xaveriano de Ravenna em 1946. Ordenado em 1955, obteve mestrado (1969) e doutorado (1971) em missiologia na Urbaniana (Roma) e abriu em Belém do Pará, em 1972, o primeiro curso de filosofia e teologia para seminaristas, ensinando no mesmo curso por quarenta anos (1972/2012). Foi diretor da revista xaveriana *Fede e Civiltà* (1970-71) e responsável da produção escolar do CEM (Parma) e da Editora AVE de Roma entre 1959 e 1969, sendo também autor de livros e artigos sobre educação missionária nas escolas italianas, sobre religiões afro-brasileiras e sobre a incipiente tensão missionária do catolicismo latino-americano.